

Simpósio IV: "Novas Estratégias de Capacitação das Equipes de Saúde de Ações Educativas Junto à População: Experiências Regionais"

A EXPERIÊNCIA DE SÃO PAULO

ELIZABETH MELONI VIEIRA¹

Secretaria Estadual de Saúde – São Paulo, SP.

Vou tentar relatar um pouco da experiência que estamos iniciando em São Paulo, usando material educativo da Fundação Carlos Chagas. A utilização desse material, criado em 1981 por uma equipe de pesquisadores da Fundação junto a alguns grupos de mulheres de São Paulo – principalmente as do clube de mães de Diadema (cidade operária da região do Grande ABC) foi solicitada por vários profissionais da Secretaria de Saúde, que dele tinham conhecimento.

Com o objetivo de atender aos grupos de mulheres que não possuíam subsídios ou material para discutir sobre corpo, saúde e sexualidade, o material da Fundação é composto de cinco folhetos, cada um com um determinado tema:

- o corpo
- a opção da maternidade e dos métodos anticoncepcionais (encarando a maternidade não só como uma função biológica, mas também como uma questão social)
- educação sexual das crianças
- relações sexuais e orgasmo
- o exame ginecológico, a relação médico-paciente e as dificuldades das mulheres ao enfrentar o serviço de saúde.

Essa demanda de se discutir sobre essas questões apareceu nos vários congressos e encontros de mulheres realizados a partir de 1975 em todo o Brasil. Atualmente, o material já rodou todo o país, atendendo a mais de cem grupos de mulheres. A partir de 1983 ele começou a ser solicitado por outras instituições que prestam serviço educativo – como escolas, Secretarias de Bem-

estar e Centros de Saúde – e a partir do ano passado a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo resolveu assumir esse tipo de trabalho com o uso dos folhetos.

O material educativo também tem servido na Secretaria de Saúde para que seus profissionais discutam sobre temas geralmente esquecidos na maioria dos treinamentos – questões como os valores que os profissionais de saúde têm em relação ao corpo feminino, a relação médico-paciente, o atendimento autoritário do serviço de saúde, etc. Isso tem sido uma experiência interessante, já que a maioria dos profissionais de saúde são mulheres.

Os debates propostos estão sensibilizando os profissionais para a implantação do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher, pois a discussão da condição feminina e de suas dificuldades com seu corpo está servindo para que se comece a repensar a necessidade de reformular o atendimento às pacientes.

Usamos uma metodologia bem simples, que é a leitura conjunta e posterior discussão – esse material não é um material informativo, mas um roteiro de debates. Temos realizado cerca de quatro reuniões de no mínimo duas horas e meia com os profissionais de cada regional, retornando sempre após dois meses, que é o tempo para terminarem a leitura e discussão do material sozinhos. Começamos, então, um trabalho de supervisão e planejamento da continuidade dessas atividades.

¹Endereço para correspondência: Secretaria de Estado de Saúde – Divisão Técnico-Normativa, Av. Dr. Arnaldo, 351, 12º andar, São Paulo, SP.

Questões freqüentes são observadas nessas reuniões, como a hierarquia bem delimitada da Instituição — como as relações de poder lá ocorrem de forma tão clara. Muitas vezes, por exemplo, estamos trabalhando com o pessoal do nível técnico, enquanto poderíamos estar trabalhando também com o pessoal do nível auxiliar; contudo, há uma dificuldade muito grande para o nível técnico aceitar a convivência com seus

subalternos.

Das 17 regionais do Estado de São Paulo, já atendemos a 6 regionais e estamos formando grupos de multiplicadores com o objetivo de difundir esse trabalho que vem se encaminhando. Estamos tentando formar também grupos de auxiliares para comparar seu efeito multiplicador com o dos grupos de técnicos já existentes.